



CARTAS FILOSÓFICAS EM SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

PHILOSOPHICAL LETTERS IN THE CLASSROOM: AN EXPERIENCE OF TEACHING PHILOSOPHY IN HIGH SCHOOL

Ricardo de Moura Borges

Mestrando em Sociologia pelo ProfSocio-UVA. Docente Celetista da Rede Estadual do Piauí - SEDUC-PI.

ricardo.borges@professor.edu.pi.gov.br

Resumo

O presente artigo visa discutir uma experiência filosófica feita em sala de aula com alunos do Ensino Médio, onde eles propuseram-se escrever cartas a partir de textos de filósofos antigos, a saber: Aristóteles que discute em seu livro *Ética a Nicômaco* a questão da verdadeira amizade, assim como Epicuro que em sua Carta a Meneceu discute a questão da verdadeira felicidade. O contato com o texto dos filósofos proporcionou um estudo de leitura, interpretação e aprendizagem a partir de conceitos filosóficos, tais como eudaimonia, prazeres, amizade, justiça, morte, dentre outros, assim como, proporcionou aos alunos refletirem sobre a própria existência a partir do momento que foram instigados a escreverem cartas para seus colegas de sala. Assim, a filosofia não ficou estática em sua história mas ganhou vivacidade a partir do momento que os alunos colocaram a mão na massa, ao produzirem as cartas filosóficas.

Palavras-Chave: Aristóteles, Epicuro, Cartas filosóficas, Felicidade, Amizade.

Abstract

This article aims to discuss a philosophical experience carried out in the classroom with high school students, where they proposed writing letters based on texts by ancient philosophers, namely: Aristotle who discusses in his book Nicomachean Ethics the issue of true friendship, just like Epicurus who in his Letter to Menecrates discusses the issue of true happiness. Contact with the philosopher's text provided a study of reading, interpretation and learning based on philosophical concepts, such as eudaimonia, pleasures, friendship, justice, death, among others, as well as allowing students to reflect on their own existence from the moment they were encouraged to write letters to their classmates. Thus, philosophy did not remain static in its history but gained vivacity from the moment students got their hands dirty, producing philosophical letters.

Keywords: Aristotle, Epicurus, Philosophical letters, Happiness, Friendship

1. Introdução

O ensino de filosofia contemporâneo tem enfrentado vários desafios, quer seja nos constantes ataques ao seu ensino, tendo em vista que é uma disciplina que é ofertada apenas uma vez por semana, quer seja pela falta de recursos disponibilizados pelas instituições de ensino, quer seja pelo esfriamento das relações humanas, onde em muitos casos, o que conta mesmo no fim é a nota, um conceito para se adquirir um diploma do ensino médio, dentre outros.

A busca por um ensino significativo é uma tarefa árdua, trabalhosa que requer um bom planejamento de ensino, assim como criatividade, tempo, paciência e principalmente resiliência (palavra tão em uso no tempo corrente).

Este esfriamento nas relações sociais quer seja dentro ou fora do ambiente escolar é um desafio em que as ciências humanas têm se preocupado nos últimos tempos. Daí vem o questionamento: os filósofos antigos podem nos ajudar? Ou parafraseando o seriado do Chapolin, onde aquele que estava em perigo, sempre clamava por socorro ao invocar: Oh, e agora poderá nos defender?

Neste caso, surge a presença de dois pensadores significativos, a saber: Epicuro e Aristóteles. O primeiro destaca que nós somos movidos por prazeres, mas que esses prazeres podem nos trazer a felicidade, desde que sejam bem organizados e aproveitados em nossa existência. O segundo, propõe que a verdadeira felicidade está justamente na reta medida, ou justa medida, ou seja, está nem no excesso, nem na falta, mas sim em saber da forma mais sabia viver de acordo com aquilo que desenvolver nossas habilidades e competências.

A questão para além de compreender o pensamento destes pensadores é justamente fomentar o interesse dos alunos do ensino médio (e por que não também do professor), em apresentar este conteúdo de forma significativa, prazerosa e desafiadora. Este último termo está em suscitar a habilidade da escrita a partir de recursos que cada vez mais estão entrando em desuso, a saber a carta. Para produzi-la e enviá-la precisa-se de caneta, papel e um envelope. Atualmente não utilizamos mais as cartas, devido à predominância das tecnologias digitais, onde as mesmas potencializam o processo de informação.

Qual o diferencial? A carta é algo elaborado, refletido, discutido consigo mesmo, aspectos que não encontramos necessariamente nas mensagens pulverizadas das redes sociais. O ato de produzir a carta exige um diálogo consigo mesmo, com os filósofos antigos, com o professor da disciplina que direciona o caminho, é um ato reflexivo.

Nosso artigo apresenta os seguintes pontos: Partindo de uma reflexão sobre o papel das tecnologias digitais na educação filosófica, depois analisaremos a importância de se escrever uma carta filosófica como proposta de ensino de filosofia; segundo destacamos os conceitos de amizade e felicidade em Aristóteles e Epicuro, fazendo uma ponte com os dias atuais; em um terceiro momento apresentaremos alguns trechos de cartas dialogando com os filósofos em questão, assim como imagens da experiência filosófica; passando pela importância da prática reflexiva no ensino de filosofia e por fim, concluiremos o artigo com algumas reflexões sobre o ensino de filosofia significativo.

O projeto das cartas filosóficas foi realizado na Escola Pedro Evangelista Caminha, localizada na cidade de Geminiano no estado do Piauí, nas turmas dos segundos e terceiros anos, do ensino médio, sendo as primeiras tripartidas em 2ºA (turno da manhã), 2ºB (turno da manhã) e 2º C (turno da tarde), e a segunda dividida em: 3º A (turno da manhã) e 3º B (turno da tarde). Optamos por não apresentar o nome dos alunos que fizeram as cartas filosóficas mas destacar breves trechos que serviram de aporte para a investigação filosófica.

2. O Papel das Tecnologias Digitais na Educação Filosófica

Em um mundo cada vez mais digital, as tecnologias desempenham um papel ambíguo no ensino de filosofia. Por um lado, elas proporcionam novas ferramentas que podem enriquecer a experiência educativa; por outro lado, podem criar barreiras à reflexão profunda que esboços manuais de cartas filosóficas promovem.

O uso de tecnologias digitais permite que os alunos tenham acesso a uma vasta gama de informações filosóficas e plataformas de discussão. Essas ferramentas podem ser integradas de maneira a complementar a proposta das cartas filosóficas, permitindo que alunos conduzam pesquisas sobre temas relacionados e compartilhem suas cartas em um ambiente online seguro, onde podem receber feedback. Por exemplo, uma plataforma de discussão online pode servir como um espaço onde os alunos podem debater suas ideias antes de formalizá-las em uma carta, ajudando a refinar seu pensamento.

Entretanto, deve-se ter cuidado com a sobrecarga de informações e a superficialidade que o consumo rápido de conteúdo digital pode provocar. É essencial promover um equilíbrio onde a tecnologia complementa a prática tradicional. Assim, ao criar um ambiente que propicie a desconexão do mundo digital em determinados momentos, como durante a

escrita das cartas, os alunos podem encontrar tempo e espaço para meditar sobre suas ideias e sentimentos. Por fim, incentivar a reflexão sobre o uso das tecnologias ajudará os alunos a se tornarem consumidores mais críticos de informação, equipando-os com habilidades valiosas para a vida. O objetivo final deve ser formar pensadores críticos e reflexivos que consigam navegar entre o mundo digital e a tradição filosófica.

3. Carta filosófica no Ensino de Filosofia

Podemos afirmar que o Ensino de Filosofia nos tempos atuais apresenta muitos desafios, dentre eles destacamos esta necessidade de proporcionar ao aluno a reflexão sobre a sua existência, fazendo-o perceber que podemos ser formados em várias áreas do saber (matemática, português, história, geografia, química, biologia, física, dentre outras), mas que é necessário essa autonomia do pensamento, essa reflexibilidade, o pensar sobre si mesmo, sobre sua existência, a existência do mundo, e a existência do outro. Termos que são muito próprios e característicos da filosofia, tida como amor ou amizade (*philo*) pela(o) sabedoria, conhecimento (*sophia*). Cunha, nos diz:

O filosofar é, em suma, uma atividade de produção e de reflexão crítica de conhecimentos úteis para a vida [...] O filosofar que pretendemos está vinculado à história presente, ao cotidiano, à vida pulsante, aos interesses e motivações dos desafios atuais, em especial, aqueles vividos pelas crianças. (CUNHA, 2008, p. 13)

A proposta das cartas filosóficas partiu de uma análise diagnóstica, quer seja das realidades fora como dentro da instituição escolar. É notório que as relações sociais humanas sofreram alterações quer seja, pelo momento pós pandemia (ocorrida em 2020), quer seja pelo uso constante e acelerado das redes sociais, onde muitas vezes somos acostumados a passar boa parte do tempo de nosso dia nas redes sociais, interagindo com pessoas distantes, deixando em muitos casos, nossos parentes e amigos próximos em um segundo ou quem sabe em um terceiro plano.

O ato de escrever a punho, com uma caneta em um papel está se perdendo no tempo, fazendo com que as habilidades motoras deixem de ser utilizadas. O jovem dinâmico lê e escreve a partir do deslize dos dedos em uma tela de tablet, computador ou celular, e utiliza um caderno, caneta, lápis, borracha, apontador apenas no ambiente escolar. Como afirma:

Do mesmo modo que a leitura é necessária e primordial para o enriquecimento na vida das pessoas, a escrita também obedece a certas normas, apesar de que não se deve atter a todos os momentos da escrita, por exemplo: a perfeição da ortografia. Deve-se preocupar, em primeiro lugar, em expressar com clareza as idéias, não nos detendo apenas na obrigação de escrever corretamente, pois às vezes essa excessiva vigilância da escrita, bitola o recado que se quer transmitir. (CAGLIARI, 1998, p.32)

Um dos desafios foi fomentar reflexões sobre o uso das tecnologias digitais em determinado tempo, fazendo com que a mente sente-se relaxada, reflexiva, entrando em meditação ao lado de um papel e caneta, e quem sabe em um ambiente calmo, sereno, na roça desprovido de redes sociais e de qualquer wi-fi.

Na exposição do projeto de feitura das cartas filosóficas, ouviu-se os clamores: “para que escrever uma carta”, “Este professor não tem o que fazer!”, “Cada coisa que se inventa nestas aulas de filosofia, o quanto é mais cômodo uma avaliação simples de marcar o X”, “Eu mesmo não irei fazer esta carta filosófica, sou nem filósofo!”, “Não deixo meu celular conectado a internet por nada!”, “Irei usar a inteligência artificial para produzir esta carta filosófica, e no dia da apresentação irei ler aqui na frente e nunca saberão que tirei da I.A!”, dentre outros comentários que foram aparecendo a partir da dinâmica de produção das cartas filosóficas.

Sobre isso, reflete:

O “meta-autor”, diferentemente do “autor”, estipula o tema da pesquisa e outros dados acerca do escopo e extensão da investigação, e delega em seguida ao algoritmo a tarefa de vasculhar bancos de dados e de analisar e organizar as informações coletadas. O próximo passo consiste na geração de um livro ou artigo, já em conformidade com as “normas” da revista, da editora, ou da faculdade à qual o trabalho se destina (ARAÚJO, 2016, p. 95).

Vale destacar que o processo de ensino aprendizagem é algo que acontece de forma paulatina, em que o sujeito vai amadurecendo a partir das etapas da vida. O ensino médio é permeado por jovens adolescentes, que imersos nas tecnologias e vibes do momento, acabam em muitos casos tendo uma certa resistência para a solução de problemas a partir de outras perspectivas.

Entendemos que o uso da carta escrita a punho é algo muito antigo, já as encontramos desde os povos antigos, quer seja pelos filósofos que estamos trabalhando neste artigo, assim como pelas epístolas (cartas) de Paulo que encontramos na bíblia, assim como em outros momentos históricos. O que se salienta aqui é como a construção destas partes

de um processo reflexivo, de refletir, de sentir a própria existência de uma forma mais aprofundada, diferentemente da produção rápida de textos produzidos nas redes sociais.

Um dos desafios é desacelerar a nossa mente, fazendo com que as leituras dos filósofos sejam internalizadas, discutidas entre si, entre os demais colegas, entre o professor em sala de aula e por fim, do diálogo do eu consigo mesmo, possa surgir ideias que possam ser expressas no papel.

Um processo necessário, que entendemos o seu grau de dificuldade pelos barulhos externos que ouvimos todos os dias, quer seja pelos afazeres diários, quer seja pelas redes sociais, ou por nós mesmos que em muitos momentos podemos ter medo de nós mesmos.

Se os imigrantes digitais sentem esta dificuldade, imagina os nativos digitais, que nasceram imersos pelo barulho constante a partir do acesso acelerado às informações. Assim, vemos a diferença os nativos dos imigrantes digitais da seguinte maneira:

Eles vêm sendo chamados de —nativos digitais», que aderem de maneira transparente e automática às tecnologias emergentes, enquanto os adultos são chamados de —migrantes digitais, aqueles que precisam adaptar-se – não sem alguma dificuldade – às novas ferramentas e novas formas de fazer as coisas. (TAGNIN, 2008, p. 6)

Como a filosofia pode ajudar nesta reflexão? Primeiro a partir de uma reflexão sociológica, entendo que essa extensão do nosso corpo, incorporou nossos hábitos, formas de viver, e transformou nossas relações sociais, sendo que é necessário propor uma desnaturalização, ou seja, perceber que o ser humano nem sempre esteve agregado ao fluxo constante de informações, acesso acelerado a informação.

Outro ponto de destaque é entender que o ser humano por natureza busca apenas uma finalidade: ser feliz. E será que o ser humano contemporâneo atingiu a felicidade tendo em vista que atingiu o acesso à tecnologia da informação?

Se partirmos desse princípio, podemos concluir que não houve felicidade desde os homens das cavernas até a globalização do século XX, e que hoje somos os seres mais felizes do universo.

Contudo, vale destacar que em dados empíricos, demonstra que a sociedade hoje apresenta um grande número de pessoas com ansiedade, depressão, pouca capacidade de reflexibilidade, resolução de problemas. É como se a tecnologia em si tivesse dado um salto qualitativo: com as inteligências artificiais, mas o ser humano tivesse se perdido neste mar de possibilidades.

É nesse contexto que a filosofia se mostra importante. Assim, partimos de dois filósofos antigos, para refletirmos sobre a amizade e a felicidade, a saber Epicuro que em sua carta a Meneceu destaca a importância da felicidade e de se viver os prazeres naturais e necessários, assim como Aristóteles que destaca a importância de uma vida ética a partir da amizade, em que o ser humano para atingi-la deve buscar o caminho da mediania.

4. Amizade e Felicidade em Epicuro e em Aristóteles

A escolha destes dois filósofos deu-se a partir da grade curricular de ensino que apresenta como forma de conhecimento a aprendizagem dos pensadores antigos, destacando Aristóteles e Epicuro, assim, como pela produção deles em relação a temas pertinentes para a compreensão do eu contemporâneo, partindo da existência humana: amizade e felicidade. Ambos, possuem uma compreensão de mundo diferenciada. Pois enquanto o estagirita pensa a ordem do mundo a partir da constituição da *pólis* (cidade), nesta podemos desenvolver nossas habilidades e potencialidades, sendo o ser humano parte integrante do todo. Contudo, nos adverte que:

De maneira geral, a amizade (*φιλία*) é a comunidade de duas ou mais pessoas ligadas por afeto e atitudes concordantes voltadas para o bem. Aristóteles tem, entretanto, uma visão mais ampla e extensa, e define a amizade como virtude e hábito, não como condicionamento, mas como disposição de caráter, disposição ativa de empenho da pessoa ao bem (LARA, 2009, p. 42).

Epicuro destaca que a melhor forma de se alcançar a felicidade é distanciando-se da *pólis*, sendo que o mesmo comprou um jardim, distanciando-se da cidade, construindo uma morada, vivendo de riquezas para viver junto com seus amigos, pois para ele a verdadeira felicidade consiste não na correria desenfreada da cidade, que apresenta um marketing de felicidade pautado no consumo, na posse de bens materiais desordenados, na vivência frenética do comércio, mas sim, em uma vida refletida, que é possível quando nos distanciamos daquilo que nos distrai, ou seja, do que é supérfluo em nossas vidas.

Com isso não estamos dizendo que Aristóteles gostava do que é banal pois vivia na cidade, mas que sua concepção de felicidade está a partir dos pontos positivos que a *pólis* pode oferecer ao ser humano, e este por meio de escolha irá decidir viver a partir de uma

construção da felicidade a partir da justa medida, sem o excesso, mas também sem a falta daquilo que lhe pode proporcionar uma vida feliz. O próprio ARISTÓTELES nos diz:

Os homens de bem não agem nunca injustamente e, de resto, nesta amizade estão presentes todas as outras características que se pensa serem indispensáveis a uma verdadeira relação de amizade, enquanto por outro lado, nas outras formas de amizade, nada impede que a calúnia, a falta de confiança e a injustiça se instalem. (EN, VIII,4, 1157a23-28).

Podemos pensar que a amizade é apenas um ato de companheirismo em que nos satisfazemos quando o outro nos ajuda em determinadas situações. Mas não é isso que Aristóteles pontua quando reflete sobre a importância da amizade. Aristóteles discute a amizade em sua obra *Ética a Nicômaco*, no livro VIII e IX. Para o estagirita a amizade é uma virtude essencial para a vida humana, pois permite o desenvolvimento de relações baseadas na confiança, no respeito e no amor. O filósofo identifica três tipos de amizade: a) a amizade baseada no prazer (hedonista), onde buscamos apenas satisfazer nossas necessidades. Sobre esta forma de amizade, nos diz:

Na amizade por benefício (e o mesmo vale para a amizade por prazer), os parceiros reconhecem-se mutuamente como seres que fixam objetivos. Eles dependem um do outro, e cada um deles só consegue alcançar seu objetivo quando o outro assume esse objetivo como seu. É nisso que consiste o elemento comum que liga os dois parceiros. (...) Quando um dos parceiros assume como seus os objetivos do outro, acontece neles o momento altruísta do bem-querer. Mas ele é incompleto quando são os objetivos próprios que motivam o parceiro a tornar seus os objetivos do outro. (RIKEM, 2008, p. 108-109).

Sob a forma seguinte de amizade: b) Amizade baseada na utilidade (instrumental), ou seja, o outro só é meu amigo porque me serve para algo; e, c) Amizade baseada na virtude, ou seja, está e a melhor forma de amizade, que é perfeita ou completa, onde os amigos são amigos por aquilo que eles são, sem tirar nenhum proveito um do outro. Sobre esta forma de amizade altruísta, virtuosa Ricken, nos esclarece que:

Na amizade entre os bons há um bem querer puro, altruísta; deseja-se o bem ao outro exclusivamente por ele mesmo. O moralmente bom não é apenas bom para si mesmo, mas também para o amigo, e isso significa: ele é benéfico e agradável para ele. Os objetivos que motivam a amizade por benefício e prazer também são concretizados na amizade por caráter. Nesse sentido, assim como na amizade completa, ela inclui as outras duas formas de amizade citadas (RIKEM, 2008, p. 109)

Já para o filósofo Epicuro, a felicidade é o objetivo principal da vida humana. Ele define a felicidade como: “A ausência de dor física e mental, e a presença de prazeres moderados” (Carta a Meneceu, 128). Assim, Epicuro defende que uma vida feliz é caracterizada por: a) autossuficiência (*autarquia*); b) Moderação (*metriopatheia*); c) Ausência de medo (*ataraxia*); d) Amizade (*philia*), e d) Reflexão e sabedoria (*phronesis*). No ponto 132 de sua carta nos diz: “Não é possível viver feliz sem viver sabiamente, nobremente e justamente”. (Carta a Meneceu, 132).

Para o estagirita, a amizade está entre os iguais, ou seja, onde nos sentimos completos e bem com outro sem que este nos favoreça em nenhum bem material, assim como também a nós só seremos verdadeiros amigos quando não precisarmos dispor de nada para o outro, mas simplesmente pela companhia. Como nos diz,

A amizade é parte estruturante da felicidade entendida como “vida boa e boa conduta”. Os amigos apoiam nossa boa conduta como companheiros e como objetos da ação virtuosa; a vida compartilhada com o amigo contribui para a realização da excelência moral, na base da felicidade, pois a amizade cria uma arena para a expressão da virtude. A doutrina do amigo com um “segundo eu”, um “outro eu”, é o fundamento do vínculo existente entre *philía*, virtude e felicidade. (ORTEGA, 2002, p. 40).

As atividades práticas de ambos demonstram que o ato filosófico é algo que incomoda, que reflete, que faz com que repensem nossas atitudes. Quando estes pensamentos foram destacados em slides em sala de aula, muitos dos jovens do ensino médio começaram a prestar atenção, e incomodados pelo modo de viver dos filósofos antigos iniciaram a indagar sobre como seria a vida destes filósofos se estivessem nos dias atuais.

Ambos não seriam contra a tecnologia digital, mas a usariam como meio e não como fim em si mesmas para se atingir a felicidade. Os jardins de Epicuro poderiam ser uma realidade também virtual, que chamasse constantemente a atenção para o contato com a natureza, com o real, com um ser preocupar com o outro que está próximo de nós.

Assim, também Aristóteles destaca o conceito de *téchne* como habilidade, arte ou ofício, considerando esta como uma forma de conhecimento prático que envolve habilidade de produzir algo. Claro que o filósofo não fala de tecnologia, tendo em vista que este é um conceito moderno, mas discutindo o que significa *téchne* como forma de conhecimento prático, que na verdade é um meio e não um fim. Disso vem a reflexão hodierna: as redes sociais são

um fim em nossas vidas? Como fazer com que estas seja apenas um meio (não o único meio) para atingir a felicidade?

5. Algumas cartas e reflexões filosóficas

A experiência das cartas filosóficas foi realizada nas turmas do ensino médio, dando a oportunidade dos jovens estudantes se tornarem filósofos, no sentido de contribuírem com suas reflexões a partir dos filósofos estudados sobre os temas da felicidade e da amizade.

Com a perspectiva de colocar as mãos na massa, ou seja, de produzir textos filosóficos, os alunos mobilizaram-se em construir argumentos que proporcionam uma reflexão sobre a felicidade e a amizade nos tempos atuais, mediante as reflexões latentes nos filósofos clássicos.

Alunos do 2º ano C (tarde) com as cartas filosóficas



Foi levado à sala de aula uma caixa filosófica, ou seja, uma caixa com perguntas de cunho filosófico, com o objetivo de despertar a curiosidade do aluno. Posta a caixa sob a mesa do professor, foi dado as instruções sobre a feitura da carta filosófica, logo após, os alunos foram observando a caixa, uns com um olhar de dúvida e estranhamento, outros com aquele olhar de alegria pois não seria mais uma aula monótona e tradicional onde só o professor fala. A sala de aula é um ambiente diverso onde aglomera-se diversas perspectivas, ou seja, várias visões de mundo. O autor nos ajuda a refletir sobre:

Educar é ensinar a olhar para fora e para dentro, superando o divórcio, típico da nossa sociedade, entre objetividade e subjetividade. É aprender além: saber que é tão verdade que a menor distância entre dois pontos é uma linha reta quanto que o que reduz a distância entre dois seres humanos é o riso e a lágrima (ALENCAR, 2001, p. 100).

Após o momento de sensibilização, exposição do conteúdo, por meio de aula dialogada, foi feito um sorteio entre os alunos da mesma turma, sendo que o sorteado deveria escrever uma carta filosófica para o outro. Logo após o sorteio, percebeu-se por um lado alunos felizes pois tinham ficado responsáveis para escrever a carta para alguém que eles tinham muito contato, mas por outro lado, viu-se alunos resistentes, meio tristes, que se dirigiram ao professor indagando: “Professor, eu não tenho nenhum contato com fulano de tal, ele parece esquisito, indiferente, não gosto dele....”. Foram estes alunos que foram mais incentivados a darem continuidade a proposta da escrita da carta filosófica, pois era o momento de interagir com aquele que estava próximo, e que depois de anos de convivência ainda não tinham trocado um bom dia, ou seja, não estavam próximos, mas sim distantes. Mais um objetivo da carta estava para ser atingido: aproximar aqueles que estavam próximos fisicamente mas não necessariamente na mesma comunhão de ideias, pensamentos, visões de mundo.

Logo após, foi dado um prazo de quinze dias para que os alunos amadurecerem o conteúdo, fizessem uma segunda leitura, revisassem o exposto nos slides, também alguns fragmentos da carta de Meneceu de Epicuro e da Ética a Nicômaco de Aristóteles para que servisse de alicerce conceitual para a construção das cartas filosóficas.

Parecia que tudo tinha dado certo, até que chegou o grande dia: a apresentação das cartas filosóficas. Começou-se a apresentação por ordem de chamada, sendo que o primeiro da lista iria até a pessoa que foi sorteada e entregar a carta, este iria até a frente e iria ler a carta sorteada. De fato, salientamos que noventa por cento da turma aderiu a ideia. Mas vale ressaltar algumas dificuldades: alguns alunos não fizeram a carta de imediato, mas assumiram o compromisso de apresentarem na próxima aula, o que de fato aconteceu, um ou outro sentiu-se com vergonha de ler a carta recebida lá na frente, então leram em pé de seu próprio lugar, e por fim, alguns fizeram a carta manuscrita mediante cópia de sites da internet, ou mediante uso de inteligência artificial.

Aqui o professor percebe, ao ver palavras rebuscadas, frases organizadas de uma forma que não é condizente com o cotidiano de outras atividades do mesmo aluno. Muitos alunos usaram da criatividade e elaboraram envelopes criativos, fazendo com a carta ficasse

organizada dentro do envelope. Uns usaram desenhos, outros colaram figuras, outros escolheram envelopes coloridos.

Um dos objetivos era justamente fazer com que a carta ficasse mais próxima do real. O uso da criatividade é uma característica do filósofo, basta lembrarmos como Aristóteles utilizou seu método de ensino a partir do caminhar, investigar por meio da experiência. Assim, como Epicuro ao falar da felicidade demonstra como pode provocar o ser humano a partir de compreensões simples da realidade, demonstrando que a verdadeira felicidade não está em ter uma quantidade exagerada de bens materiais, riqueza ou poder, mas justamente nas coisas mais simples da vida.

Caixa filosófica onde foram coletadas as cartas:



Um dos fatos que chamou muita a atenção foi que o conteúdo de muitas cartas atingiu o remetente em suas emoções. Termos como: “ Me preocupo muito com você...”, “ Espero lhe ver bem depois desta situação desgastante em sua vida...”, “ Irei qualquer fim de semana comer aquele frango saboroso que sua mãe sabe fazer....”, “ Já vivemos muitas coisas juntas desde o ensino fundamental...”, “ Tenho você como um irmão de verdade, um irmão que nunca tive...”, dentre outras coisas, fizeram cair breves lágrimas dos olhos.

Caixa com cartas filosóficas

Neste momento é percebemos o quão a filosofia é importante, pois não é apenas um conteúdo frio, distante da realidade do aluno, que tem importância apenas para as avaliações externas ou provas de vestibulares, mas sim que fomenta a emoção, o refletir, o cuidado com o outro e dispõe ferramentas para uma interação com o outro. Outros discursos são elucidativos, tais como: “Foi mediante este trabalho de filosofia que pude perceber a sua existência sicrano de tal...”; “Sinceramente, antes deste trabalho eu tinha uma visão distorcida de você beltrano de tal, só depois desta experiência percebi que você é uma pessoa humilde, alegre, extrovertida, e quem sabe possamos conversar mais na hora do recreio, quem sabe sair para jogar futebol...”.

A construção do saber filosófico se dá por meio do diálogo. O próprio Aristóteles escreve seu livro *Ética* para seu filho Nicômaco, é um legado que um pai deixa para seu jovem filho. A carta a Meneceu segue a mesma perspectiva de diálogo, de reflexão sobre a vida, de contato com o outro. Ambos fomentam o interesse pela reflexão filosófica sobre a felicidade, algo que é buscado por todos, mas que muitas vezes é perdida por valorizarmos os meios e não os fins.

A filosofia como processo de transformação do sujeito perpassa por essas questões que parecem ser simples, banais, mas que em muitos dos casos não são discutidas em sala de aula, pois ainda reverbera que na aula deve-se ser da forma mais tradicional possível.

Cartas filosóficas (2ºC - turno da tarde)



Não excluímos o ensino tradicional, tendo em vista que é necessário o quadro, o pincel, o apagador, o slide, o professor que domina algum conhecimento filosófico, mas que a centralidade não pode permanecer nesse, tendo em vista que a filosofia só acontece de forma significativa quando acontece essa partilha de conhecimentos. Sobre ensino significativo nos apoiamos em:

Uma das formas para motivar os alunos reconhecer sua prática social imediata a respeito do conteúdo curricular proposto. Como também ouvi-los sobre a prática social inicial mediata, aquela prática que não depende diretamente do indivíduo, e sim das relações sociais como um todo. Conhecer suas dimensões do conteúdo constitui uma forma básica de criar interesse por aprendizagem significativa do aluno é uma prática docente também significativa (GASPARIN, 2013, p. 13).

É sentir a emoção em se ler a carta de alguém, é o emocionar-se, ou interagir com a turma, as regras de silêncio pontuadas pelo próprio aluno que quer ler a sua carta recebida, assim como sente orgulho do outro ler o seu escrito.

Notamos que a experiência das cartas filosóficas trouxeram resultados positivos, tendo em vista que houve uma partilha significativa de experiências, descentralizando a ação do professor, que passou a ser mediador no processo de ensino aprendizagem.

6. A Importância da Prática Reflexiva no Ensino de Filosofia

A prática reflexiva no ensino de filosofia se mostra essencial para promover o desenvolvimento do pensamento crítico e do autoconhecimento entre os alunos. O ato de escrever cartas filosóficas não apenas instiga uma reflexão mais profunda sobre temas como felicidade e amizade, mas também envolve os alunos em um diálogo interno, no qual eles se confrontam com suas próprias crenças e valores.

Definimos a prática reflexiva como um processo contínuo de pensamento sobre as experiências, que se fundamenta na análise crítica e na avaliação dos próprios comportamentos e decisões. Quando os alunos são incentivados a escrever cartas, eles se envolvem em uma exploração das suas experiências pessoais à luz dos conceitos discutidos por filósofos como Epicuro e Aristóteles. Por exemplo, ao refletir sobre a amizade, os alunos podem relatar suas próprias relações, identificando o que consideram ser uma verdadeira amizade e como isso se conecta com a ética aristotélica.

Além disso, essa escrita reflexiva pode ser incorporada à rotina escolar semanal. Criar momentos dedicados à escrita de cartas, seguidos de discussões em grupo, pode transformar a sala de aula em um espaço de aprendizado dinâmico onde os alunos se sentem confortáveis para expressar suas ideias. Essa prática não apenas aumenta seu engajamento, mas também desenvolve habilidades de comunicação e argumentação, fundamentais na formação de cidadãos críticos.

Conclusão

A experiência das cartas filosóficas pode proporcionar uma vivacidade no ensino de filosofia, tendo em vista que deixou de ser um ensino morto, marcado apenas pela transmissão de um conhecimento que está disseminado nos livros, na internet, nas redes sociais, e passou a contribuir com frutos pessoais, significativos que dialoga com o sujeito.

Se muitos alunos ficaram felizes em receber uma carta, de se sentirem ouvidos e lidos em sala de aula, o professor também regozija em perceber que as estratégias de ensino de filosofia podem ser diversas. O passo inicial é fazer um diagnóstico da realidade da sala de aula, depois pensar em uma estratégia que envolva se não todos mais a grande maioria dos alunos.

Depois é sentir-se parte do processo, não centralizar o conhecimento, mas deixar que a criatividade dos alunos faça parte, como meio de transformação. Por último a avaliação que é contínua, de conjunto e necessária dentro do ambiente escolar, que reverbera em um conceito.

A finalidade não é o ouro em si, o conceito dez, nove etc., mas a vivência do processo, do sentir-se parte da escola, de estar presente ali, de ver o outro como amigo, como alguém que vem de realidades distintas, passa por problemas e angústias, momentos de alegria, mas que quer ser visto, ouvido, lido, sentindo-se participante do processo de sua existência.

Desta maneira a proposta das cartas filosóficas em sala de aula surtiu um efeito positivo pois permitiu que por meio do uso da criatividade o aluno pudesse perceber que as palavras dos filósofos estudados possuem um sentido significativo para os dias atuais.

Principalmente em refletir sobre a questão das redes sociais que podem se tornar um fim em si mesmo, deixando de refletir sobre a verdadeira essência da felicidade que pode estar na companhia de um bom amigo, no refletir sobre a vida e no escrever uma boa carta filosófica que dê sentido à própria existência.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, M. *O uso de inteligência artificial para a geração automatizada de textos acadêmicos: Plágio ou meta-autoria?* In: **Logeion: Filosofia da Informação**, v. 3, n 1, 2016, p. 89-107. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.21728/logeion.2016v3n1.p89-107>. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/3012>. Acesso em: 09 out. 2024.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Coleção: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Gama Kury. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1998

CUNHA, J. A. (Org) **Filosofia para criança: orientação pedagógica para educação infantil e ensino fundamental**. Campinas: Editora Alínea, 2008.

EPICURO. **Carta a Meneceu**. Tradução de Álvaro Lorencini, Enzo Del Carratore. São Paulo: UNESP, 1997.

GASPARIN, J. L. **Uma Didática Para a Pedagogia Histórico-Crítica**. Campinas: Autores Associados. 2013.

LARA, Renata de Oliveira. **A Amizade na ética a Nicômaco.** Dissertação (Mestrado em Filosofia) UECE. Fortaleza: 2009.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política.** Belo Horizonte: UFMG, 1999.

ORTEGA, Francisco. **Genealogias da amizade.** São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2002.

RICKEN, Friedo. **O bem viver em comunidade: a vida boa segundo Platão e Aristóteles.** São Paulo: Edições Loyola, 2008

TAGNIN, F. **Computação 1 a 1: o desafio de guiar os nativos digitais. Blog de Educação digital da Intel.** Disponível em: http://blogs.intel.com/educacaodigital/2008/07/computacao_1_a_1_o_desafio_de_guia_los_nativos_digitais.php Acessado em out. 2024.

Data da submissão: 30 Abr 2025.

Data do aceite: 01 Ago 2025.



Esta obra está licenciada sob licença Creative Commons Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/legalcode.pt>).